



José Cardoso Pires

## LISBOA REVISITADA

**A**bro Janeiro logo pela manhãzinha e começo a Lisboa de 94 sentado diante dum álbum de fotografias que me trouxe uma gaivota azul em fundo de azulejo. Não é uma dessas gaivotas ao natural que capricham sobre o Tejo (observo eu, olhando-a, suspensa na capa do livro), mas mais real porque, figurada, abrange o rio, os bairros e a simbologia da capital.

Voa no azulejo, não à flor das ondas nem nas nuvens, e como tal prolonga a gaivota do rio

**A Lisboa de Dinis da Gama rejeita a evidência e a tentação dos efeitos, porque parte do olhar subjectivo com que ele interpreta a paisagem. Percorre-a como que casualmente e, no entanto, ao menor sobressalto descobre no real imediato o mistério dum apontamento que transfigura a leitura.**

pela cidade dentro, fazendo poiso nos frisos e nos painéis que decoram os pátios, as galerias ou as moradas mais antigas. “Lisboa, inclinações, desvios” — intitula-se o álbum de Henrique Dinis da Gama que tenho em cima da mesa de trabalho, e este pássaro assim reproduzido é já de si um desvio da “verdade ao natural” para a tornar mais pessoal e mais criativa.

O’ Neill elegeu a Gaivota como senhora do Tejo. Dinis da Gama, olhando-a na moldura de barro vidrado que a consagrou em peça de arte popular, fez dela um selo da cidade. E do álbum.

Corre-me na janela uma névoa de Inverno. Mas a Lisboa que está lá fora sei-a eu até de cor, é

aquela que o meu olhar quotidiano reconhece sem surpresas e que está registada por alguns fotógrafos de primeira grandeza, desde, pelo menos, que Benoliel-o-Velho fez a sua reportagem da capital. Gente e paisagem, o habitat social, a tentação do insólito e a busca das incoerências que tornam mais viva a unidade do tema, Lisboa em grande angular ou em precisão documental — tudo isso e muito mais tem sido reproduzido em imagens de rigor ou enfatuatedo por aventuras de laboratório.

Mas esta Lisboa de Dinis da Gama é outra. Rejeita a evidência e a tentação dos efeitos, porque parte do olhar subjectivo com que ele interpreta a paisagem. Percorre-a como que casualmente e, no entanto, ao menor sobressalto descobre no real imediato o mistério dum apontamento que transfigura a leitura. Vai pelo pormenor e com isso dá o todo, descobre o ângulo natural que projecta para a plástica da Pintura os elementos mais empobrecidos, reconstrói, quase que por instinto, as associações mais subtis que a paisagem corrente oculta em si mesma.

É assim que uns ramos nus sobre uma parede de azulejos se transformam em renda singela e anunciam paz doméstica, recatada. Ou que um abandono de águas paradas nos diga Tejo, sem qualquer referência que o avalize pela extensão ou pelos elementos que lhe são convencionais. É assim que uma grade ou dois ou três telhados, enfrentando uma luz seca, acobreada, como jamais algum pintor de Lisboa descreveu, nos revelam toda a cidade em quietude e a uma nova temperatura sentimental. Ou que um muro anónimo, marcado por certa luz, ganha uma identidade cidadina. Aqui apetece dizer que na Arte o pormenor só contém o todo e o todo está dentro de nós.

“Os que chegam à cidade descem sem aporlar: despedem o corpo pelo mar.”

Henrique Dinis da Gama, em “Lisboa. Inclinações. Desvios”

E está. Dentro de Dinis da Gama, pelo menos. Desvendar um apontamento obscuro e traduzi-lo em beleza de grande fotografia, transformar uma mancha corroída numa admirável imagem plástica ou descobrir o ângulo feliz donde, sem montagens nem arranjos de laboratório, venha a resultar uma peça fotocromática paralela à expressão duma pintura de vanguarda, tem muito a ver com o tal olhar subjectivo. Tem tudo. E no fundo, bem no fundo, envolve até um compromisso muitas vezes secreto ou intuitivo com as Artes Plásticas que, se por um lado, enobrece a Fotografia, por outro e quase sempre, a falseia.

Só que em Dinis da Gama não se trata de “compromisso”, mas antes de “inclinação”, no sentido em que a palavra me aparece no título do álbum. Inclinação, tendência. Ou seja; um sentimento plástico muito íntimo que questiona o real (como na Pintura), mas nos limites duma liberdade objectiva que a Pintura não contempla, de modo a, como Fotografia, ser independente dela.

Fecho o álbum como quem fecha um arquivo de segredos dum território tantas vezes viajado. Depois, só para comigo, recordo aquilo que alguém escreveu um dia no miradouro do Castelo de São Jorge para aviso dos turistas: “Deste lugar, a primeira vista é para os cegos!”

Também isso, penso agora, tem a ver com as “inclinações e desvios” que deram origem a estas fotografias. Porque sem panorâmicas, vistas gerais, sem monumentos ou referências imediatas, mas apenas pela busca inteligente do recanto e do pormenor, elas revelam-nos uma Lisboa no seu todo e em muitas tonalidades do seu espírito. ●